



O trabalho de musicoterapia no Projovem Adolescente

Rafael Marrero Brignol¹

rafabrig@yahoo.com.br

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Carla Gonçalves Rodrigues²

Universidade Federal de Pelotas - UFPEL

Resumo: Este texto apresenta um relato de experiência realizado no projeto Projovem Adolescente, caracterizando uma intervenção grupal com a utilização da musicoterapia. O trabalho compreendeu três grupos, denominados coletivos, situados em diferentes bairros da periferia da cidade de Bagé-RS. Foram feitas atividades musicais, com a abordagem musicoterápica, que consistiam em colocar a música como modo de desenvolver potencialidades e a criatividade, bem como tecer novas relações dos jovens entre si e com a sociedade. Os coletivos encontraram na experimentação artística e relacional uma rede de interações, existindo nesse meio os desejos, afetos e vínculos, que ocorreram ao longo das experiências. Para embasar a intervenção, utilizaram-se teóricos da musicoterapia tal como Bruscia (2000) e Chagas (2007).

Palavras-chave: Musicoterapia; coletivos; música.

Este relato aborda uma experiência de intervenção com grupos de jovens, durante o ano de 2011, tendo como foco o trabalho de musicoterapia realizado no Projovem Adolescente³. O projeto foi desenvolvido no Centro de Referência em Assistência Social (CRAS), de três comunidades situadas na periferia da cidade de Bagé-RS: Ivo Ferronato, Prado Velho e Artur Damé. Os grupos, denominados 'coletivos', eram constituídos por dez a quinze integrantes com idades entre quinze a dezessete anos, havendo encontros duas vezes na semana.

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação Graduado (PPGE), na linha de Filosofia da Educação, sob a orientação da Prof. Carla Gonçalves Rodrigues. Graduado em Psicologia com habilitação em Bacharelado pela Universidade da Região da Campanha – Bagé (URCAMP-BG), com Pós-graduação no curso de Musicoterapia do Conservatório Brasileiro de Música – Centro Universitário – Rio de Janeiro (CBM-RJ).

² Formada em Psicologia pela UCPel (2013), cursando Especialização em Psicoterapia de Orientação Analítica. Realizou Estágio de pós-doutorado em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012). Concluiu Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006), mestrado em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (1999). Possui graduação em Engenharia Civil pela Universidade Católica de Pelotas (1985), especialização em Matemática pela Universidade Federal de Pelotas (1987), graduação em Licenciatura em Matemática pela Universidade Católica de Pelotas (1997), especialização em Educação Matemática pela Universidade Católica de Pelotas (1998). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal de Pelotas,

³ Este projeto faz parte da Política Nacional de Assistência Social (PNAS), realizado através da Prefeitura Municipal pela SMTAS (Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social).



O Projovem Adolescente é um serviço sócioeducativo que tem por objetivo o fortalecimento dos vínculos familiares e comunitários, também a (re)inserção do jovem no sistema de ensino. Além disso, trata de discutir temas transversais ligados à sua realidade, tais como sexualidade, drogas, dentre outros assuntos que permeiam seu cotidiano. Seguindo os demais objetivos do projeto, há a aposta na formação da consciência cidadã e o empoderamento como sujeito social, visando à transformação em protagonistas, a partir de um maior conhecimento e ação sobre sua realidade (BRASIL, 2008).

O primeiro momento do trabalho em grupo constituiu-se na vinculação com a equipe. Os encontros eram divididos, em um dia para a orientação social e outro para a oficina, com duração de uma hora e meia cada. Um era conduzido pela orientadora social, discutindo assuntos transversais relacionados com as vivências dos jovens. No outro acontecia à oficina de musicoterapia, do qual parte este relato específico. As atividades grupais ocorriam com a direta comunicação entre os profissionais, pois havia a participação de todos no planejamento e execução do material proposto. Além disso, os grupos realizavam passeios fora dos CRAS, conduzidos pela equipe.

Na oficina de musicoterapia perceberam-se, primeiramente, os pontos de encontro entre os jovens através da música, ao serem criadas possibilidades de ser e estar em grupo através das interações. Nas atividades não havia certo ou errado, pois importavam os elos criados a partir disso. Desse modo, processos heterogêneos nos coletivos foram sendo constituídos, envolvendo a comunicação verbal e musical, bem como os afetos compartilhados nos encontros. Segundo Chagas (2007), a musicoterapia propõe a experimentação coletiva, através do *fazer musical*, assim como das relações tecidas que produzem efeitos terapêuticos.

Cada coletivo apresentou suas particularidades, pois estavam inseridos em comunidades cuja cultura e modos de ação eram distintos. Em destaque situa-se a experiência que ocorreu no CRAS do bairro Prado Velho, aqui evidenciada nesse relato. No início, os jovens somente cantavam canções, pois nos primeiros meses o projeto não contava com instrumentos musicais de percussão. As vozes saíam baixas e tímidas devido à inibição, ao medo do erro e da crítica. Na medida em que as relações vinculares amadureceram, no decorrer do trabalho, a desinibição e o medo



da falha foram sendo gradativamente perdidos, pois foram estabelecidas relações de confiança entre todos.

A atividade do canto, em um segundo momento, foi realizada juntamente com o toque de instrumentos de percussão. Os jovens optavam pelos meios em que se expressavam melhor. Alguns primavam pela voz, outros pelos instrumentos rítmicos tais como, o rebolo, o bongô, o carrón, o pandeiro, a meia lua. O grupo improvisava livremente ou sob a condução do oficinairo. Nessa técnica de improvisação, segundo Bruscia (2000), o cliente ou grupo utiliza o som de instrumentos musicais, vocalizações ou corporais sem pretensões estéticas. Os objetivos consistem em estabelecer canais de comunicação não verbais, bem como estimular a verbalização. Ao experimentar músicas em conjunto são vivenciados aspectos intersubjetivos através de momentos lúdicos e criativos postos nas formas de expressão dentro do grupo.

O coletivo formou um repertório, seguindo suas referências musicais, de gêneros como pagode, sertanejo, rock nacional. As músicas tocadas no *setting* eram predominantemente advindas do rádio, televisão e internet. A utilização de canções populares é um recurso musicoterápico para o desenvolvimento de potencialidades, de acordo com os objetivos terapêuticos traçados. Para tanto, utiliza-se a técnica chamada de 'recriação musical', que consiste justamente em tocar e/ou cantar canções com objetivo da livre expressão. Segundo Chagas (2007), ao cantar ou tocar, os sujeitos, diferentemente de serem colocados na condição de meros reprodutores musicais, criam versões próprias no *fazer musical* de cada um. Ao recriar a canção produzem-se outros sentidos, através das releituras que expressam singularidades.

Após seis meses de trabalho, com o fortalecimento dos vínculos, foram sendo feitas modificações nos repertórios. Anteriormente eram tocadas somente canções advindas das mídias, porém, com o tempo foram incorporadas outras músicas, essas não tão familiares, trazidas por sugestão do musicoterapeuta e do grupo. Cantores como Tim Maia e Jorge Bem Jor, até mesmo um grupo espanhol chamado Maná ganharam espaço, porém os jovens, através dos instrumentos, conferiam suas marcas às músicas, alterando o andamento e colocando seus ritmos próprios.



No final do primeiro ano, o grupo foi convidado para fazer uma apresentação musical. Apesar do objetivo do trabalho não primar pela estética, nem mesmo prezar pelo ensino musical, a prática semanal levou o grupo a uma maior consistência musical, assim como grupal. À medida em que surgiram outras apresentações os outros dois coletivos foram integrados, sendo feitos ensaios coletivos com jovens das três comunidades. As apresentações em eventos sociais produziam uma conexão entre os adolescentes e a sociedade, na medida em que eram valorizados por suas atuações. Esta valorização também acontecia dentro dos grupos, através do contato e reconhecimento social em relação aos pares e orientadores.

Referências

BRASIL. *ProJovem Adolescente: Caderno do Orientador Social – Ciclo I Percurso socioeducativo II: “Consolidação do Coletivo”*. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate a Fome, junho de 2008.

BRUSCIA, K. E. *Definindo musicoterapia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Enelivros, 2000.

CHAGAS, M. *Processos de subjetivação na música e na clínica em musicoterapia*. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro: 2007.